

# O NÃO LUGAR DOS MUSEUS NO CAMPO LINGÜÍSTICO-LITERÁRIO

Joana Flores<sup>1</sup>

*Resumo:* Este paper objetiva apresentar uma reflexão a partir das referências bibliográficas indicadas na seleção de Doutorado, do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, da Universidade do Estado da Bahia, em 2020, considerando a teia das relações semióticas como domínio no processo de exploração do objeto de pesquisa. Para tanto, algumas contribuições teóricas foram elencadas para o desenvolvimento desse estudo por considerar: os argumentos ou as inquietações trazidas por Benveniste (1976) sobre Saussure ao lidar com o seu objeto investigativo no Campo da Linguagem; a contribuição de Lévi-Strauss (1957) ao confrontar e dialogar sobre o método utilizado Linguística com o método etnográfico; a construção teórica produzida por Mbembe (2016) ao adentrar o campo das subjetividades através da “ordem do poder” e que vem na direção do que mais recentemente Han (2017) apresentou sobre os sujeitos dessa nova sociedade. Esses e demais aportes teóricos embasarão esse mapa preliminar respaldado pelas áreas da Antropologia, Filosofia, Sociologia dentre outras, cujas bases epistemológicas possibilitarão a construção de novos acervos de caráter teórico crítico a serem desvelados pelo Campo Linguístico-literário. Assim, esse estudo acerca do lugar em que ocupa determinados objetos ainda não explorados pelo campo da linguística e da literatura, enquanto signos ou formas de linguagens, trazem em seus repertórios investigativos, possibilidades de contribuições de natureza arqueológica utilizando-se dos símbolos produzidos pelos espaços dos museus, de suas reinterpretações e interfaces para com o Campo da Cultura e o Campo Literário

*Palavras-Chave:* Campo Linguístico-literário. Poder. Museu.

---

<sup>1</sup> Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, Universidade do Estado da Bahia (Pós-Crítica/UNEB), linha de pesquisa 1, Literatura, Produção Cultural e Modos de Vida. Orientadora Profa. Dra. Edil Silva Costa. Endereço eletrônico: joanafloresflores@gmail.com.

## INTRODUÇÃO

Esse estudo objetiva apresentar os diálogos possíveis entre o projeto de doutorado, oriundo do campo da pesquisa em museus e a Crítica Cultural, compreendendo a partir da área de Letras, em quais caminhos a Linguística e a Literatura apresentam terreno profícuo para o desenvolvimento de questões de caráter teórico, multidisciplinar, utilizando-se da bibliografia apresentada na seleção, como desafio no processo de construção do perfil do pesquisador desse programa, se colocando frente a frente com o seu objeto de pesquisa.

Metodologicamente, foi necessário um recorte das referências, visto a ampla gama de possibilidades de se produzir teoria, diante do rico acervo bibliográfico disponibilizado no processo de seleção. Para tanto, por perceber o lastro teórico de contribuição para o Campo dos Museus devido ao amplo leque de possibilidades para indagações do ponto de vista epistemológico que esse aparato cultural instiga, tornou-se tarefa minuciosa e complexa, elencar alguns autores e suas produções como aportes no desenvolvimento desse trabalho.

Para tanto, foi necessário buscar uma relação de proximidade dos temas apresentados na bibliografia e o objeto a ser pesquisado, cujo título inicial da proposta de tese é *O estudo teórico-crítico das representações dos museus no século XXI no Brasil*. O projeto intenciona construir através de três museus brasileiros<sup>2</sup>, criados no século XX, cujas coleções trazem peças do período da escravidão, um estudo sobre o pensamento teórico que impulsionou filosoficamente esse modelo de museus no Brasil, de maneira a reproduzir um discurso preservacionista que reitera o lugar de determinados sujeitos a partir da relação estabelecida entre negros e brancos na sociedade colonial pelo viés da memória.

---

<sup>2</sup> Os museus apresentados no Projeto de seleção para o desenvolvimento da pesquisa foram: Museu do Homem do Nordeste em Recife- PE; Museu de Arte da Bahia em Salvador – BA e o Museu do Escravo em Monte Belo – MG, podendo no decorrer do processo esses espaços podem serem mantido ou substituídos de acordo com o andamento da pesquisa.

Dessa forma, a abordagem trazida nessa investigação, implicou debruçar-se sobre o pensamento de Mbembe (2016) que traz a discussão de raça e racismo pelo viés do poder; o legado deixado por Saussure (1857-1913) nos escritos de Benveniste, no que tange alocar o museu enquanto signo, as suas reinterpretações como domínios do significante para nortear os domínios atrelados a esse fenômeno. As relações imbricadas entre o movimento para criação desse espaço, que é a priori de cultura, mas, também de representação e porquanto, de poder. Não obstante a reflexão sobre linguagem e cultura sob o prisma de Lévi-Strauss (1957) e o pensamento de Han (2017) para dialogar sobre a sociedade e os sujeitos no mundo atual, corroboram para o desenvolvimento dessa abordagem.

Inicialmente pode-se considerar para efeito de metodologia de pesquisa, a identificação das produções teóricas que remetem ao surgimento desses espaços seculares de institucionalização de memórias e que trazem em suas práticas modelo de legitimação de discursos simbólicos que enaltecem corpos e destituem outros através de narrativas colonizadoras.

Vale ressaltar, que adentrar o campo Linguístico-literário para amparar essa discussão, recai sobre a posição que ocupo enquanto museóloga que reivindica em minhas investigações acadêmicas, a necessidade de uma revisão literária, se não, um revisitar a literatura existente, através de lentes outras que não as do campo de atuação dos museus, para discorrer sobre as questões diretamente imbricadas no tema dessa pesquisa tais como, raça, representação, poder, preservação, coleções, gênero, memórias, narrativas e discursos, dentre outros que irão despontar no decorrer da pesquisa.

Não quero com isso instigar qualquer alusão ao descaso com as produções acadêmicas da área da Museologia, mas, apenas, sinto a necessidade de ampliar o campo da pesquisa, utilizando-me de desvelar os estudos sobre os museus, numa perspectiva semiótica, alicerçada pelo que Benveniste (1976), afirma, “não é a língua que se dilui na sociedade,

é a sociedade que começa a reconhecer-se como língua” (p. 47), o que me leva enfim a afirmar, que os museus enquanto signos precisam ser diluídos para serem (re)conhecidos por toda a sociedade.

Nesse sentido, o autor considera que “essas investigações inovadoras levam a crer que o caráter natural da língua, de ser composta de signos, poderia ser comum ao conjunto dos fenômenos sociais que constituem a *cultura*” (BENVENISTE, 1976, p. 47). Partindo desse pensamento, considero o diálogo com a linguística uma considerável contribuição teórica à essa pesquisa, pelo seu reconhecimento enquanto Ciência responsável pelos estudos que se debruçam sobre os diversos sujeitos e a sociedade.

Considerar-se-á no desenvolvimento da investigação, os princípios que norteiam o tratamento dado aos acervos museológicos de natureza afro-brasileira, afro-diaspórica, cujas peças e/ou coleções remetam à memória da escravidão no país ou estejam diretamente atreladas à imagem simbólica dos corpos negros como processo de preservação e institucionalização das memórias no Brasil, quando aplicados no processo de salvaguarda através das ações de coleta, pesquisa, documentação, conservação, comunicação e educação, como também, o refletir sobre esses espaços enquanto lugares de construções narrativas.

Portanto, deve-se considerar necessária a reinterpretação das formas enviesadas que se utilizam os museus com os seus discursos que suprimem ou mesmo contribuem para o esquecimento desses sujeitos sociais, no processo de desenvolvimento sócio-político, econômico e cultural do país, assegurando no contexto simbólico a sua soberania Mbembe (2016).

Nessa perspectiva, é que a pesquisa que ora aqui se apresenta, intenciona ampliar uma discussão já iniciada em trabalho anterior, que culminou na publicação, *Mulheres negras e museus de Salvador: diálogo em branco e preto*, Flores (2017), ao encontrar no campo Linguístico-literário, ambiente fértil para explorar outros domínios no campo das subjetividades.

Assim, inicialmente a pesquisa será desenvolvida, levando em consideração o período histórico de criação do museu no mundo já configurado como lugar de preservação de memória, bem como, a importância dessa Instituição para os grupos hegemônicos da época considerando o sistema econômico que vigorava; o pensamento teórico que amparava a sociedade desse período, considerando para tanto, o movimento intelectual e suas relações com a própria Igreja.

## **A CRÍTICA CULTURAL E O ENTRELUGAR NOS MUSEUS**

Colocar-se como uma pesquisadora em Crítica Cultural, a partir do estudo que traz como signo a ser desvelado, o museu, cujo valor semântico da palavra agrega sentidos que instigam a visão crítica de uma epistemologia que cabe nesse projeto de natureza teórica, iniciando pelo lugar que por sua acepção lhe aloca como um espaço múltiplo, prenuncia uma disponibilidade acadêmica para dar conta de um processo possível de revisão de conteúdo existente na área em questão, outrossim, de uma contribuição epistemológica a partir de uma reflexão dos conteúdos existentes que tratam dos museus, mas, sob o prisma da salvaguarda, na perspectiva linguístico-literária.

Do ponto de vista histórico, a origem da palavra museu que deriva de *mouseion*, cujo significado “Templo das Musas”, contribui para o estudo em questão no tocante as coleções que fazem alusão ao período da escravidão nos museus a serem pesquisados ao possibilitar a intersecção entre os temas e o museu, ampliando a discussão de gênero e raça por dialogarem entre si quando a origem, trajetórias, narrativas e sexualidades dos corpos são ocultados das peças que simbolicamente representam os sujeitos e as suas relações sociais.

Nesse cenário, é que os lugares das “musas”, ou à quais musas pertencem esses museus, na atualidade, não podem ser questionados sem levar em consideração a função simbólica da manutenção do poder através da subjetividade que há nas representações cultuadas a partir da preservação de monumentos e obras de arte, dispostos entre os acervos

dos museus e os espaços a céu aberto nos grandes Centros urbanos, do mundo. Para Mbembe (2014),

Estes vestígios do potentado são os sinais da luta física e simbólica que esta forma de poder se obrigou a infligir ao colonizado. É sabido que, para ser duradoura, qualquer dominação se inscreve não apenas no corpo dos seus submissos, mas, também deixará marcas no espaço que eles habitam, assim como traços indeléveis no seu imaginário (p. 218).

O autor, em sua assertiva em relação às estátuas e monumentos dispostos em fachadas na África, reitera o jogo de interesses de quem manipula essas ditas homenagens que aludem ao colonizador, a permanência do seu lugar de poder e reitera,

O papel das estátuas e monumentos coloniais, é, portanto, o de fazer ressurgir no presente mortos que, quando vivos, terão atormentado, muitas vezes em combate, a vida dos Negros. Estas estátuas funcionam como ritos de evocação de defuntos, aos olhos dos quais a humanidade negra não contou — razão pela qual não tinham quaisquer escrúpulos em verter o seu sangue por nada (MBEMBE, 2014, p. 221).

Nesse sentido, o papel que os símbolos do poder de colonizadores sobre os descendentes dos corpos não evidenciados que encontram-se encobertos pela simbologia romântica e fetichizada que impregna as coleções relacionadas à escravidão nesses espaços de memória, despertou inquietações do ponto de vista das narrativas, devido a própria definição que é atribuída aos museus no Estatuto dos Museus<sup>3</sup> ao afirmar que,

Consideram-se museus, para os efeitos desta Lei, as instituições sem fins lucrativos que conservam, investigam, comunicam, interpretam e expõem para fins de preservação, estudo, pesquisa, educação, contemplação e turismo, conjuntos e coleções de valor

---

<sup>3</sup> Estatuto dos Museus, criado sob a Lei 11.904 de 14 de janeiro de 2009.

histórico, artístico, científico, técnico ou de qualquer outra natureza cultural, abertas ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento (BRASIL, 2009).

Nesse sentido, a ampla responsabilidade desse espaço contida no Documento citado, no que tange as ações inerentes à participação dos museus no campo também da Educação, atuando como mediadores de suas coleções através das exposições museológicas, com o objetivo de comunicar-se com os seus diversos públicos constituídos por sujeitos em suas múltiplas narrativas produzidas pelas peças vão se apresentando de acordo com os discursos construídos pelos personagens envolvidos nesse processo.

## CONCLUSÃO

Assim, pretende-se com a Crítica Cultural, o aporte para a pesquisa sobre o pensamento teórico que impulsionou a criação desses espaços de poder e de representação pelo viés da literatura de maneira a estreitar o diálogo com o objeto dessa pesquisa, cerne dessa investigação de caráter teórico-crítico para alcançar o objetivo de investigar os modelos historiográficos e as teorias que impulsionaram a criação dos museus no Brasil no século XX e que legitimam os discursos hegemônicos através das representações simbólicas que subalternizam memórias no século XXI.

## REFERÊNCIAS

BENVENISTE, Emile. Saussure após meio século. In: *Problemas de Linguística Geral*. Ed. Nacional, São Paulo, 1976.

FLORES, Joana. *Mulheres Negras e Museus de Salvador: Diálogo em Branco e Preto*. Salvador: Joana Flores, 2017.

HAN, Byung-Chul. *Sociedade do Cansaço*. Petrópolis, RJ, Vozes, 2017.

LÉVI-STRAUSS, Claude. Linguística e Antropologia. In: *Antropologia Estrutural*. São Paulo, COSAC NAIFY, 1957.

MBEMBE, Achille. *A Crítica da Razão Negra*. Lisboa. Antígona. 2014.

MBEMBE, Achille. Necropolítica. In: *Revista do PPGAV*. n. 32, 2016.